



A BIOGRAFIA CAVALEIRESCA SOB A PENA DE CHRISTINE DE PIZAN: PROSA E POESIA

LA BIOGRAPHIE CHEVALERESQUE SOUS LA PLUME DE CHRISTINE DE PIZAN : PROSE ET POESIE

CARMEM LÚCIA DRUCIAK¹

Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia

RESUMO

Neste artigo colocamos algumas considerações sobre a escrita christiniana que se apresenta através de traços de *biografia cavaleiresca* em louvor da monarquia francesa. Para isso, estudamos um excerto da biografia régia de Charles V, *Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V* (1404), em que Christine de Pizan insere a trajetória de Bertrand Du Guesclin, condestável das hostes francesas durante os dez últimos anos de reinado do monarca; e o poema épico sobre Joana d'Arc, *Ditié de Jehanne d'Arc* (1429), composto ainda quando a donzela de Orléans obtinha sucesso em seus empreendimentos, o que assegurou a coroação de Charles VII. Neste estudo, as leituras de Paul Ricoeur e Élisabeth Gaucher-Rémond nos ajudam a estabelecer elementos para a comparação entre os dois textos de Christine de Pizan a fim de distinguir neles características de uma *identidade narrativa*, bem elaborada e refletida, desenvolvida no espaço do texto, segundo o que a autora da Idade Média parece entender por “ser digno de memória e de escrita”.

PALAVRAS-CHAVE: CHRISTINE DE PIZAN; BIOGRAFIA CAVALEIRESCA; IDENTIDADE NARRATIVA.

RESUME

Dans cet article, nous présentons quelques considérations à propos de l'écriture christinienne ayant des traits de *biographie chevaleresque* à la louange de la monarchie française. Nous étudions notamment un extrait de la biographie royale de Charles V, *Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V* (1404), où Christine de Pizan introduit le portrait de Bertrand Du Guesclin, connétable du roi les dernières dix années de son règne ; et le poème épique sur Jeanne d'Arc, *Ditié de Jehanne d'Arc* (1429), composé lors des réussites de la Pucelle qui ont assuré le sacre de Charles VII. Cette étude est enrichi par les lectures de Paul Ricoeur et Élisabeth Gaucher-Rémond qui ont permis d'établir des éléments de comparaison entre ces deux textes de Christine de Pizan pour y distinguer les caractéristiques d'une *identité narrative*, bien élaborée et raisonnée, développée dans l'espace du texte, selon ce que l'auteure du Moyen Âge semble comprendre de l'expression « être digne de mémoire et écrit ».

MOTS-CLÉS : CHRISTINE DE PIZAN ; BIOGRAPHIE CHEVALERESQUE ; IDENTITÉ NARRATIVE.

Il [Charles V] prisait les clerks lettrés,

¹ Professora de língua e literatura francesas e de estudos da tradução do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Licenciada em Letras Português-Francês (UFPR), Mestre em Letras Estudos Literários pela UFPR e Doutora em História pela UFPR em cotutela com a Université de Poitiers, França, com Tese defendida em História e Civilização Medievais.

*les preux chevaliers,
et tous ceux qui, aimant les bonnes mœurs,
s'efforçaient de vivre loyalement.*
Le Chemin de longue étude, v. 5031-5034

Partindo do fato de que nenhuma das obras, cujos trechos apresentamos aqui, são exemplos de biografias exclusivas dos personagens em questão, o que gostaríamos de examinar, de preferência, são os traços característicos de biografias cavaleirescas sobre personagens que agiram em favor da valorização da monarquia francesa, aqui observados na escrita de Christine de Pizan tanto no *Livre des faits et bonnes moeurs de Charles V* (1404), como em *Le Ditié de Jehanne d'Arc* (1429). Os dois personagens a que a autora faz menção são respectivamente, Bertrand Du Guesclin, na biografia régia, e Joana d'Arc, no poema ou história² que reporta alguns feitos da virgem guerreira. Ao realizar tal levantamento, podemos dizer que Christine de Pizan colaborou com a construção de uma “identidade narrativa” tanto desses personagens, como dos monarcas a quem eram sujeitos, e, por extensão, do povo francês, indicando o alcance de sua *mise en mémoire* de uma coletividade.

Cabe dizer, situando melhor nosso leitor, que a biografia de Charles V (1364-1380), encomendada por seu irmão em 1404, o duque de Bourgogne, Philippe le Hardi, é um texto em prosa em louvor ao falecido rei, composto mais de vinte anos após sua morte, em que Christine constrói uma vida exemplar para servir de espelho de príncipe ao ainda menino duque de Guyenne, neto do biografado e filho de Charles VI (1380-1422), que reinava na época. O trabalho de Christine se divide em três partes, de forma bastante tradicional no que tange à sua organização a fim de expor os temas morais e políticos concernentes ao biografado: primeira parte para falar da “força de alma” do rei; a segunda, sobre a “cavalaria”, e a terceira, a “sabedoria”, virtudes de que Charles V, segundo a autora, era um modelo. Já com relação aos conteúdos apresentados, Christine teria inovado ao elencar, em mesmo grau de importância dos elementos pedagógicos de boa condução de um jovem príncipe, momentos relevantes da história do reino francês³. As incertezas políticas daquele início de século, opunham os tios de Charles VI, já acometido pela demência, a seu irmão mais moço, o duque de Orléans, Louis, que viria a ser assassinado em 1407, desencadeando a guerra civil entre Armagnacs

² Segundo o dicionário de anglo-normando, *Anglo-Norman Dictionary* (AND Online Edition), “*dité ou ditié*”, pode designar “*story, music and treatise*”, conferir em <https://anglo-norman.net/entry/dite>.

³ O tradutor e organizador da edição de *Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V*, Joël Blanchard afirma que Christine de Pizan dominava a retórica utilizada por seus contemporâneos e deveria conhecer bem as obras de Aristóteles, Thomas de Aquino e sobretudo de Gilles de Rome, além é claro de citar com frequência a Bíblia, Valério Máximo e Ovídio (CHRISTINE DE PIZAN. *Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V*. Présentation de J. Blanchard, Traduction de J. Blanchard et M. Quereuil, Paris: Pocket, 2013, pp. 7-29). Quanto às referências mais inclinadas à história, Christine deve ter tido acesso, na biblioteca do Louvre, às *Grandes Chroniques de France*, bem como à tradução anônima de *Flores chronicorum* de Bernard Gui (HASENOHR, G; ZINK, M. (dir.). *Dictionnaire des Lettres Françaises*. Le Moyen Âge. Paris: Fayard, 1992, p. 284).

e Bourguignons⁴. Portanto, o momento da escrita de Christine de Pizan se distingue pelas tensões e enfraquecimento da monarquia francesa em meio a muitas situações que favoreciam as investidas dos ingleses no reino da França, durante a Guerra dos cem anos. Os trechos que nos interessam são os que se referem a Bertrand Du Guesclin, condestável das hostes régias, que assegurou o fortalecimento do reinado de Charles V com batalhas vitoriosas garantindo uma expansão territorial importante, assim como um apoio de aliados decisivos contra os ingleses.

No que se refere ao *Ditié*, mais uma vez o contexto de produção é conturbado. O reino francês está ocupado pelos ingleses, com vários castelos e cidades sitiados, após a desastrosa derrota em Azincourt (1415), e um rei apenas recém coroado e que se mostra ainda enfraquecido politicamente, Charles VII (1422-1461)⁵. Quanto à forma da obra, diferentemente da biografia de Charles V, daqui em diante referido como *Livre des faits*, o poema sobre Joana d'Arc é um texto lírico, um poema épico⁶ em versos rimados, no esquema *ababbcb*, com 61 estrofes de oito versos octossílabos cada uma. Pelo que se sabe, além de ser a última composição conhecida da autora, não fora encomendada por nenhum comitente ligado à monarquia. Em realidade, Christine de Pizan rompe um silêncio de onze anos, depois de refugiar-se no convento do priorado de Poissy, na região parisiense, justamente por causa da guerra civil cada vez mais violenta com a ocupação inglesa. Como a própria autora coloca, o poema foi acabado em 31 de julho de 1429, duas semanas apenas após a coroação de Charles VII, sagração assegurada pelas vitórias de Joana em Orléans, no fim de abril, e na sequência, em Jargeau, Beaugency e Patay. Talvez, mesmo confinada em Poissy, Christine de Pizan tenha tido conhecimento das missivas de Joana com suas ameaças aos ingleses e suas profecias⁷ e tenha recebido

⁴ Durante a guerra civil que opôs na França, entre 1407 e 1435, os partidários do duque de Orléans aos partidários do duque da Borgonha, Jean sans Peur e depois Philippe le Bon, apoiados pelos ingleses, os primeiros eram designados “Armagnacs” em referência ao conde de Armagnac, sogro de Charles, duque de Orléans e futuro Charles VII. (SCHNERB, B. Armagnacs ; Bourguignons. In: GAUVARD, C., LIBERA, A. et ZINK, M. (Orgs). *Dictionnaire du Moyen Âge*. 4e ed. Paris: PUF, 2012 [2002], p. 84; 190).

⁵ Claude Gauvard, historiadora especialista da dinastia dos Valois, coloca que durante os sete primeiros anos de seu reinado, Charles VII não pôde assumir de fato o trono, pois sua legitimidade havia sido contestada pelos ingleses e o seu direito ao trono revogado pelo Tratado de Troyes, em 21 de maio de 1420, colocando a França sob uma dupla monarquia: Henrique V, da Inglaterra e Charles VI, rebaixado em relação ao primeiro, por causa da demência. Em 1422, com a morte de seu pai, Charles VII se autoproclama rei, no Berry, vindo a ser coroado apenas em 1429. (GAUVARD, C. *La France au Moyen Âge – du Ve au XVe siècle*. Paris: PUF, 1996, p. 464-465).

⁶ A épica se caracteriza como poema de cunho narrativo que trata dos feitos históricos de certos personagens que, em meio a batalhas, se destacam por suas qualidades superiores, ou seja, “imitação dos homens superiores por meio do discurso” que trata de empreendimentos bélicos de certa comunidade e temporalidade. (MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 151-153).

⁷ Joana teria anunciado a Charles VII quatro profecias, segundo o que teria ouvido das vozes atribuídas a Santa Catarina, Santa Margarida e São Miguel: “os ingleses levantarão o cerco de Orléans, o rei será coroado em Reims, Paris voltará à obediência do rei, o duque Charles d’Orléans será liberto do cativo da Inglaterra” (GAUVARD, C. *La France au Moyen Âge – du Ve au XVe siècle*. Paris: PUF, 1996, p. 474). Tradução nossa.

Quanto aos personagens que talvez tenham mantido contato com a autora durante seu confinamento, poderiam estar algumas abadessas ligadas à monarquia (MICHAUD-FRÉJAVILLE, F. « Fors nature » : Dieu, le roi Charles et la Pucelle, ou Faut-il changer notre titre du Ditié de Jehanne d’Arc ? », *Cahiers de recherches médiévales et humanistes* [En ligne], 25, 2013. Disponível em: URL : <http://journals.openedition.org/crm/13135>) e Jean Gerson, com quem Christine pôde

as notícias de seus êxitos em campo de batalha, podendo colocar esses elementos em seu texto. Para a autora, Joana significava, naquele momento, sem jamais ter pensado no fim trágico que teria a jovem combatente e nem tampouco no abandono de Charles VII, um renovo na esperança de ver mais uma vez a França triunfar diante dos inimigos e dar continuidade ao legado vindo da Antiguidade⁸. Mesmo que o *Ditié* tenha sido considerado a primeira homenagem à virgem guerreira ainda viva, o rei é quem ganha destaque nos versos de Christine. Aliás, até mesmo parte de seu título, “*de Jehanne d’Arc*”, é posterior à composição, sendo referido assim nos séculos seguintes à sua produção, sobretudo a partir da primeira edição completa do poema, em 1838, em que o relator caracteriza o texto de Christine como “inteiramente em louvor a Joana d’Arc”⁹.

Como podemos observar, os dois momentos de escrita da mulher de letras revelam um reino vulnerável política e militarmente em que era necessária a manutenção da figura de um rei como exemplo e que fosse amparado por um corpo militar organizado e por capitães leais. Aliás, Christine de Pizan fez parte de um “clima intelectual” que apregoava que a cavalaria deveria ser dali em diante sujeita diretamente ao rei e aprovada por ele, agindo com eficácia na expulsão dos inimigos e na manutenção da paz no reino, exercendo na pessoa de seu comandante o controle dos homens para que o rei pudesse ser visto como aquele que mantinha “sua casa e seu reino em paz”¹⁰, ou seja, garantindo o bem comum¹¹. Para isso, a prontidão, a performance e a obediência ao soberano deveriam ser os eixos que orientariam todo um corpo militar a serviço do rei francês. O que se vê no personagem de Du Guesclin, que ocupou de fato um cargo como comandante oficial, condestável das hostes régias

contar na querela do *Roman de la rose*. Gerson, em *De quadam puella*, faz um tratado em latim em defesa de Joana, por exemplo; e como se sabe que o autor viria a morrer em julho de 1429, haveria tido tempo de enviar algumas considerações a Christine. Uma evidência desse contato é o fato da escritora se referir a mulheres valentes da tradição cristã para legitimar Joana: Ester, Débora e Judite, como faz Gerson em sua obra (FRAIOLI, D. « The literary image of Joan of Arc : prior influences », *Speculum*, 56/4, 1981, p. 814-813).

Entre autores conhecidos, além de Christine de Pizan e Jean Gerson, há uma carta em latim escrita entre julho e setembro de 1429, atribuída a Alain Chartier, poeta e diplomata francês, em que o autor faz a defesa e um louvor à Joana « Comment ne pas admirer ? Quelle est la qualité guerrière que l'on peut souhaiter à un général que la Pucelle ne possède ? » (http://www.stejeannedarc.net/lettres/lettre_chartier.php#traduction). Para acessar a lista de obras dedicadas à Joana d’Arc, consultamos o site de referência *Arlima*, archives de littérature du Moyen Âge: https://www.arlima.net/il/jeanne_darc.html.

⁸ Para Christine de Pizan, os franceses seriam os herdeiros da glória de gregos e romanos, portanto deveriam ser valentes, bons súditos, aguerridos, e seus príncipes zelosos do bem comum (MARGOLIS, N. “Avant-propos” In *Cahiers de recherches médiévales* [En ligne], 16, 2008. Disponível em: <http://crm.revues.org/10842>.)

⁹ Trata-se de um relatório sobre os manuscritos encontrados na Biblioteca de Berna, na Suíça. JUBINAL, A. « Ung beau Ditié fait par Christine de Pisan à la Louange de Jeanne d’Arc », *Rapport à M. Le Ministre de l’Instruction publique, suivi de quelques pièces inédites tirées des manuscrits de la Bibliothèque de Berne*. Paris : À la librairie spéciale des Sociétés Savantes, 1838, p. 22. Disponível em : www.gallica.bnf.fr. Tradução nossa.

¹⁰ ALLMAND, C. Changing Views of the Soldier in Late Medieval France. In : KEEN, H. Maurice (dir.) ; GIRY-DELOISON, Charles (dir.) ; et CONTAMINE, Philippe (dir.). *Guerre et société en France, en Angleterre et en Bourgogne xive-xve siècle* [en ligne]. Lille : Publications de l’Institut de recherches historiques du Septentrion, 1991, p. 171-188. Disponível em : <http://books.openedition.org/irhis/1141>.

¹¹ Consideramos que fizeram parte desse grupo de letrados defensores da cavalaria como agente em favor do bem comum do reino francês, Honoré Bovet, Philippe de Mézières e Alain Chartier entre outros.

a partir de 1370, mas também em Joana d'Arc que, ainda que de forma quase independente, assumiu, sem ser adubada oficialmente a cavaleiro, uma posição de liderança diante de seus combatentes, e ainda referendada por sua missão, diga-se, considerada santa.

Nas duas obras, portanto, Christine de Pizan mantém a coerência do que parece ser seu engajamento, ao se introduzir “no campo político para interpelar o príncipe e definir qual deve ser sua conduta em circunstâncias adversas”¹²: referindo-se a um passado glorioso, ela atribui ao reino da França a responsabilidade de estabelecer naquela sociedade o bem comum e preservá-lo. Além disso, a disputa pelo trono francês, entre uma produção e outra da autora, tinha se agravado, o que talvez justifique o tom exaltado do *Ditié*. Podemos pensar que Christine de Pizan se viu impelida, mais do que nunca, a agir em favor dos valores que defendia, empunhando não uma espada, mas sua pena.

Para que as circunstâncias mudassem, segundo a mulher de letras, Deus deveria ser louvado, o príncipe deveria ser modelo de virtudes cristãs e cada indivíduo deveria cumprir com seu papel, mantendo as hierarquias¹³. No entanto, como toda classificação pode falsear a realidade, há que se considerar que Christine propôs, ao longo de sua carreira literária, no que se refere às mulheres e aos escritores laicos, um status muito mais amplo do que o conhecido até então, o que se vê principalmente em *La cité des dames* (1405), *Le Livre des trois vertus à l'enseignement des dames* (1405), *La Mutation de Fortune* (1403) et *Le Chemin de longue étude* (1403).

Após essa breve contextualização, passemos aos elementos de biografia cavaleiresca que consideramos para analisar as duas produções de Christine de Pizan.

ELEMENTOS DE UMA BIOGRAFIA CAVALEIRESCA NO *LIVRE DES FAITSE* NO *DITIÉ*

No verbete *biographie chevaleresque* do *Dictionnaire du Moyen Âge*, Élisabeth Gaucher-Rémond a coloca como um

gênero híbrido, que reivindica a autenticidade da história, mas cede às fantasias da ficção, épica ou romanesca. Certos biógrafos integram a carreira de seus heróis em um devir coletivo de seu tempo [...]. Primeiramente, suas obras responderam a

¹² BLANCHARD, J. « L'entrée du poète dans le champ politique au XVe siècle » In *Annales. Economies, sociétés, civilisations*. 41^e année, N. 1, 1986, p. 44. Tradução nossa.

¹³ Ainda que de uma forma um pouco redutora, assim poderíamos caracterizar o “projeto” da obra de Christine de Pizan, ao menos é que se apreende de volumes como *Le Livre des trois jugemens*, 1400; *Epistre Othea*, 1401; *Le Livre de la Prod'homme de l'homme ou Le Livre de Prudence*, 1405-1406; *Le Livre du Corps de Policie*, 1406-1407; *Les Lamentations sur les maux de la France*, 1410; *Le Livre des Faits d'armes et de chevalerie*, 1410; *Le Livre de la Paix*, 1414; *Epistre de la Prison de Vie Humaine*, 1416-1418, dedicado a Marie de Berry, duquesa de Bourbon, após a batalha de Azincourt.

objetivos linhagísticos, progressivamente disputados, senão substituídos, por uma propaganda regional, social ou política [...] as biografias cavaleirescas testemunham da afirmação de uma consciência social e individual, através da evolução das estruturas política, econômica e familiar, e do sentimento, avivado pelas guerras, da fragilidade humana.¹⁴

Essa tese já havia sido desenvolvida pela autora em outro volume, em que trabalha textos que se mostraram, desde sua concepção, como biografias de personagens cuja vida foi cunhada sobre seus feitos cavaleirescos¹⁵, dentre eles a *La chanson de Bertrand du Guesclin*¹⁶, sobre o mesmo personagem de que também tratamos neste artigo.

Ao levar em conta a concepção de Gaucher-Rémond, podemos destacar alguns pontos para melhor entender a biografia cavaleiresca, como por exemplo, o entrelaçamento entre história, como sinônimo de verdade, e ficção, do campo da criação; o devir coletivo; resposta a certos objetivos; afirmação de uma consciência social e coletiva, e o sentimento da fragilidade humana¹⁷. Ora, todos esses elementos podem ser explorados no *Livre des faits* e no *Ditié*, como veremos nas próximas linhas.

A biografia cavaleiresca e o modelo de bom cavaleiro no *Livre des faits* segundo a apresentação da figura de Du Guesclin realizada por Christine nas segunda e terceira partes da obra, em que trata da cavalaria e da sabedoria de Charles V, enquanto virtudes que podem ser classificadas como políticas e morais, isto é, virtudes régias, trazem à memória aquele que era chamado de a “flor da cavalaria”, como vemos na canção em sua homenagem, obra já referida aqui.

¹⁴ GAUVARD, C., LIBERA, A. et ZINK, M. (Orgs). *Dictionnaire du Moyen Âge*. 4e ed. Paris: PUF, 2012 [2002], pp. 166-167. Tradução nossa.

¹⁵ « Le corpus choisi par É. Gaucher compte dix œuvres, rédigées toutes en langue vernaculaire, du XIIIe au XVe siècle, et sociologiquement apparentées par le fait que les héros qu'elles célèbrent, tous issus de familles nobles, ne furent ni rois, ni princes, ni saints, mais « bâtirent leur gloire sur la prouesse chevaleresque » (p. 12) : 1 - L'Histoire de Guillaume le Maréchal ; 2-3 - L'Histoire de Gille de Chin (en rimes et en prose) ; 4 - la Chanson de Bertrand du Guesclin ; 5 - le Livre des faits de Boucicaut ; 6 - L'Histoire de Gillion de Trazegnies ; 7 - Le Livre des faits de Jacques de Lalaing ; 8 - L'Histoire des Seigneurs de Gavre ; 9 - le Roman de Jean d'Avesnes ; 10 - L'Histoire de Gaston IV de Foix. » (JODOGNE, P. « Gaucher (Elisabeth). La biographie chevaleresque. Typologie d'un genre (XIIIe-XVe siècle) » In *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 73, fasc. 3, 1995, pp. 887-889. Disponível em : www.persee.fr).

¹⁶ As representações narrativas sobre o cavaleiro bretão podem ser conferidas em DRUCIAK, C.L. *A escrita da história na França de 1380 a 1404: as representações discursivas sobre o cavaleiro Bertrand Du Guesclin (†1380)*. 2018. 338 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná / Université de Poitiers, Curitiba, 2018. Para a referência à obra, consultar CUVÉLIER. *La chanson de Bertrand du Guesclin*. Editeur J.-C. Faucon, Toulouse : Editions universitaires du Sud, 1990-1991, 3 t.

¹⁷ François Dosse, em *O Desafio Biográfico. Escrever uma vida* (2015), coloca a biografia cavaleiresca como uma das expressões da Idade heroica da biografia ao longo da história, segundo a classificação que defende na obra. Referindo-se precisamente ao trabalho de Gaucher-Rémond, o historiador diz: “Essas biografias resultam de um processo de laicização tanto quanto de uma reivindicação de identidade de uma linhagem em sua inserção no espaço e no tempo. Integram-se no seio de uma genealogia cuja narrativa é concomitantemente exemplificação e afirmação da autoconsciência de um grupo social. Nessas vidas heroicas de cavaleiros, o vínculo com a verdade é tão ambivalente quanto no discurso hagiográfico” (p. 152).

No que se refere a elementos históricos e fictícios sobre a vida do cavaleiro Bertrand Du Guesclin, Christine de Pizan retoma vários episódios da gesta do bretão presentes tanto em textos escritos ligados à historiografia, quanto à literatura. Entretanto, é importante observar que a primeira menção a Du Guesclin é feita quando a autora reporta as circunstâncias da coroação de Charles V, em 1364, após a vitória do cavaleiro na batalha de Cocherel, para isso ela parece ter recorrido a obras bastante conhecidas na época, como as *Grandes Chroniques de France* (séc. XII-XVI), a *Chronique normande* (séc. XIV), e igualmente a *Chanson de Bertrand Du Guesclin* (séc. XIV). O que podemos apreender de seu método, é que para a autora e para seus contemporâneos a noção de verdade não era tal como a concebemos na historiografia hoje, a verdade era legitimada antes pela escrita de autores referendados pelas autoridades, e não pelo referente externo ao texto, nem tampouco por construções narrativas que problematizam as diversas representações de personagens e acontecimentos. Além disso, a matéria história não era ainda considerada uma ciência, tudo era escrito. De onde a consulta a obras de valor variado e que informavam os letrados daquele fim de século.

A batalha [de Cocherel] foi violenta, opondo um grande número de combatentes, e houve muitas mortes, dos dois lados, como é de costume nesses empreendimentos. Mas no fim, Deus deu a vitória aos franceses, e os inimigos foram quase todos mortos ou feitos prisioneiros, e nosso rei, após ter sido coroado, voltou a Paris em meio à alegria, onde foi recebido com grande pompa, o que não era nada mais que justo [...]. Após sua coroação, Charles foi instruído pelos conselhos da razão de como deveria proceder um bom príncipe cavaleiresco, tendo em vista seu cargo, que lhe confere velar sobre seu povo e seus súditos, como ao pastor cabe velar por suas ovelhas.¹⁸

Como vemos no trecho, não há dúvidas de que, no texto de Christine, os feitos guerreiros de Du Guesclin exaltam a cavalaria do rei, pois ela insere a narrativa de outros tantos combates para enaltecer o futuro glorioso do reino francês sob Charles V, o que foi assegurado pela eleição de Du Guesclin como condestável das hostes régias, cargo que ocupou durante dez anos, até sua morte em 1380. Nesse momento, a autora se refere ao provérbio:

“A tal mestre, tal servidor”, pois seu valor cavaleiresco e as qualidades que mostrava no exercício do cargo estavam na medida perfeita da dignidade de seu sábio mestre, o rei Charles. E estou convencida de que eles foram, cada um em sua alçada, dois dos homens mais notáveis de seu tempo [...]. Nesta época, glórias a Deus, os negócios do rei Charles tinham melhorado graças a suas qualidades e à ação eficaz de seus generais já citados e de vários outros homens corajosos do reino da França¹⁹.

¹⁸ CHRISTINE DE PIZAN. *Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V*. Présentation de J. Blanchard, Traduction de J. Blanchard et M. Quereuil, Paris: Pocket, 2013, p. 132-133. Tradução nossa.

¹⁹ CHRISTINE DE PIZAN. *Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V*. Présentation de J. Blanchard, Traduction de J. Blanchard et M. Quereuil, Paris: Pocket, 2013, p. 181 ; 201. Tradução nossa.

Como parte da propaganda, pró dinastia dos Valois, o *Livre des faits*, ainda coloca a organização da cavalaria como corpo militar que poderia auxiliar o rei a manter o bem comum, ou bem público, o que para nós, compreende o que Gaucher-Rémond coloca como “consciência social e individual” de que podem dar testemunho as biografias cavaleirescas. Nesse caso, queremos dizer que o *Livre des faits* faz parte de um conjunto de obras que ajudaram a construir um pensamento coletivo, ao menos entre os letrados que se debruçavam sobre as circunstâncias ocorridas entre os reinados de Charles V e Charles VI, de que era necessário que o rei fosse assessorado por um corpo militar bem organizado (hierarquias, estratégias, remuneração, equipamentos, escalas de prontidão, etc), em que a figura de um capitão pudesse representar o braço do rei na guerra²⁰.

É nesse ponto que o “sentimento de fragilidade humana” pode ser encontrado na obra de Christine. Quando a morte de Du Guesclin é referida pela autora, como um anúncio da morte do próprio Charles V, são os homens valorosos e todo o povo do reino que choram, “pois perdiam um defensor muito corajoso e muito generoso. A morte desse homem valente foi o presságio do falecimento próximo de seu mestre de virtudes exemplares”²¹. Ao mesmo tempo em que exalta a figura do indivíduo rei e do indivíduo cavaleiro, a escritora coloca o sentimento de coletividade que une o reino em torno de um único fato, o desamparo que a morte desses dois homens causaria ao reino da França, por oposição aos outros povos, os ingleses mais precisamente, diante dos conflitos vividos na Guerra dos cem anos. Nesse ponto, a autora interpela seu público alvo para que, ao seguir o exemplo de Charles V, não deixassem suas virtudes serem esquecidas e que também prezassem pela memória da autora após sua morte²².

Da mesma forma, na biografia cavaleiresca de Joana nos versos do *Ditié*, na composição de Christine de Pizan sobre a donzela de Orléans, podemos observar os mesmos elementos de biografia cavaleiresca apontados por Gaucher-Rémond.

O que se percebe no texto épico, no entanto, é que a autora se refere a circunstâncias do presente, a *Pucelle* ainda empreendia suas batalhas no momento da escrita e o rei recuperava seu

²⁰ Como já apontamos, Philippe de Mézières, Honoré Bovet e Christine de Pizan estavam entre os letrados que percorreram sobre a cavalaria como corpo militar, não apenas retomando princípios dos exércitos da Antiguidade, mas colocando suas vantagens diante dos conflitos e do cisma. Ver DRUCIAK, C.L. *A escrita da história na França de 1380 a 1404: as representações discursivas sobre o cavaleiro Bertrand Du Guesclin (†1380)*. 2018. 338 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná / Université de Poitiers, Curitiba, 2018. Principalmente o capítulo 4, p. 195-258.

²¹ CHRISTINE DE PIZAN. *Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V*. Présentation de J. Blanchard, Traduction de J. Blanchard et M. Quereuil, Paris: Pocket, 2013, p. 344. Tradução nossa.

²² CHRISTINE DE PIZAN. *Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V*. Présentation de J. Blanchard, Traduction de J. Blanchard et M. Quereuil, Paris: Pocket, 2013, p. 350.

domínio político. Assim, diferentemente da biografia de Charles V, não era o passado do personagem que a escritora ajudava a perpetuar no espaço da escrita, mas ele estava ali evocado para que viesse a ser um modelo, como vemos no início da estrofe 16 que traduzimos aqui²³, “Pois rei da França deve ser/ Charles de Charles seu nome é/ Será mui grande seu poder/ Profecias, pois, lhe dão fé”²⁴.

Ao considerarmos o momento em que Joana d’Arc é evocada pela primeira vez no texto de Christine, percebemos que antes de se referir à *Pucelle*, na décima terceira estrofe, a autora coloca alguns dados biográfico seus²⁵, como o silêncio de onze anos (v. 2); sua alegria atual (v. 9); o ano em que escreve e referências à estação do ano, mote de um canto pastoral bem conhecido desde os trovadores occitanos. Na estrofe de número 5, Christine inicia sua exortação e exaltação ao rei Charles VII e prossegue. É somente a partir do verso 97, intercalando entre o rei e Joana que a autora lhe dá ênfase em suas linhas. Podemos pensar sobre o número de versos dedicados a cada um que Christine de Pizan, mais uma vez coloca um personagem que encarna a Minerva, por ela já tantas vezes referida, para elevar a figura do rei. O que nos indica, mais uma vez, a coerência em defender o reino francês como herdeiro de uma tradição que garantiria o bem comum e principalmente a paz tão necessária naqueles anos, o “sentimento da fragilidade humana” e o “devir coletivo” são aqui vistos em diversos momentos do texto, destacamos alguns, nas estrofes 3 e 60:

[...]
Retomou o sol a arder.
Eis que ele traz o tempo bom
Que olho não podia ver.
Muita dor, luto e morrer
Passamos. Dentre eles estou.
[...]

[...]
Para que o maldoso conselho
Dessas guerras seja desfeito
E que vosso destino eleito
De paz seja, com seu senhor.
[...]

²³ A tradução do *Ditié* apresentada neste trabalho é de nossa autoria, para tanto, procuramos manter a forma e a métrica do original em português: versos octossílabos e rimas no esquema já mencionado, *ababbcbc*.

²⁴ As transcrições e edições que consultamos foram principalmente a de Henri Herluison com a transcrição do texto realizada a partir do manuscrito 205 da Biblioteca de Berna, CHRISTINE DE PIZAN. *Jeanne d’Arc: chronique rimée*. Orléans, 1865. Disponível em: www.gallica.bnf.fr; a de Paolo Spaggiari, “Il poema di Giovanna d’Arco: traduzione e commento dell’ultima operadi Christine de Pizan” In *Lux Victrix Edizioni* – Quattro Castella, 2020. Disponível em: www.paolospaggiari.com; e o *Ditié de Jehanne d’Arc de Christine de Pizan*, transcrição disponível no site da Bibliothèque du Moyen Âge de Montaigu. Disponível em: <https://montaigu-en-vendee.fr/index.php?page=Po%C3%A8tes-fin-13e-fin-15e>. Tradução nossa.

²⁵ No primeiro verso do poema, Christine assume o “je” acompanhado de seu nome “*Je, Christine, qui ay pleuré*”, apresentação autoral da mulher de letras recorrente em seus textos, mas ainda notável naquele contexto, sobretudo para uma mulher.

O que a autora coloca, com as muitas referências aos males por que passava a França, é que pelas mãos de um valente, no caso, uma *preuse*, a paz seria restabelecida. Christine de Pizan forja então, a décima personagem na lista das nove valentes, já evocadas por Eustache Deschamps, a quem a autora chamava de mestre, para dar continuidade a uma tradição de “renome, memória e escrita”²⁶. Cabe ressaltar que o mesmo poeta Deschamps havia conferido a Bertrand Du Guesclin um décimo lugar na lista dos *preux*. Poderia então, Christine ter desejado seguir os passos do mestre, alargando, por sua vez, sua lista de mulheres notáveis? Pois há de se honrar o sexo feminino, como vemos na estrofe 34:

Ei! Quanta honra ao feminino
Sexo! Deus o ama, é certo.
Este grande povo ferino,
Por quem todo o povo é deserto,
Nela está seguro e coberto.
O que os homens não fizeram,
São eles traidores, decerto.
Ó! Por que não acreditaram?

Outro ponto a se destacar, são as referências que Christine faz às profecias de Merlin, por exemplo. Conteúdo, aliás, que colocaria Joana em situação difícil na ocasião de suas audiências quando do processo de heresia e bruxaria a sofrer nas mãos dos ingleses²⁷. Christine retoma crenças que não estariam dentro de uma tradição historiadora como fez com os documentos visitados enquanto escrevia a biografia de Charles V. Evidentemente, devemos considerar que não havia quase nada de oficial escrito sobre os empreendimentos de Joana. No entanto, ao colocar essas referências de conhecimento popular, Christine colabora para a *mise en mémoire* dos movimentos da jovem em prol da paz, supostamente predita por Merlin e reportada na *Historia regum Britanniae*, escrita alguns séculos antes e, portanto, legitimada pelos comitentes. De onde a autora colocar nos versos da estrofe 31, dizendo que as profecias teriam sido escritas e que afirmariam a vinda de uma jovem guerreira que livraria a França do mal: “Que [ela] carregaria o pendão/ Nas guerras da França e bem assim, /Contaram a sua missão”. Com essa referência de Christine, vê-se o quanto Merlin e outros tantos personagens, cujas origens são obscuras, podem ser maleáveis segundo o intento daqueles que os

²⁶ Ver a Balada 93 de Eustache Deschamps em que o poeta elenca duas listas de nove valentes, os *preux* e as *preuses* (Eustache Deschamps. *Oeuvres complètes d'Eustache Deschamps* : publiées d'après le manuscrit de la Bibliothèque nationale par le marquis de Queux de Saint-Hilaire et Gaston Raynaud. Paris: Firmin-Didot, 1878-1903, Tome 1, p. 199-201). A breve citação está no artigo da historiadora Jacqueline Cerquiglini-Toulet, « Fama et les preux : nom et renom à la fin du Moyen Âge » In *Médiévales*, n°24, 1993, p. 40.

²⁷ Ver o artigo de Catherine Daniel « L'audience des prophéties de Merlin: entre rumeurs populaires et textes savants » In *Médiévales* [En ligne], 57 |, 2009. Disponível em : <https://journals.openedition.org/medievales/5800#bodyftn24>.

referem. De uma tradição inglesa, o druida passaria a revelar bons presságios aos franceses, seus inimigos.

Com todas essas intertextualidades, fica possível dizer que o texto de Christine cumpria um objetivo: para a autora era necessário que o rei fosse exortado a garantir a grandeza do reino e reconhecesse que a jovem poderia lhe proporcionar um futuro de imperador ou ainda conquistador da Terra Santa, onde Joana cumpriria a missão e poderia morrer (estrofe 43).

Mas Christine mostra também que o povo, as cidades rebeldes que haviam se aliado aos ingleses, e até mesmo Paris, deveriam todos ter a mesma consciência, convergindo através das vitórias da *Pucelle* a um só propósito, estar ao lado de Deus, que havia escolhido agir pela espada de Joana:

Não percebeis, ó gente cega,
Deus colocou aqui a mão!
Ai, aquele que não vê, nega.
Como manter essa opinião?
A *Pucelle*, na incursão,
A vós abate, mortos sois,
Não tendes bom coração?
Intentareis contra Deus, pois?

Na sequência, estrofes 48 e 49, Christine mais uma vez evoca a sagração de Charles VII em Reims e seu retorno ao lado de Joana, que por esforço recompensado, poderia ajudar o rei a proclamar a paz e conceder perdão, “A cada um quer perdoar/ E a *Pucelle* assim lhe diz”. Dessa forma, é possível observar que ao retomar os feitos da virgem guerreira que favoreceram a coroação do rei, a autora confere à sua heroína o mesmo status que havia dado a Du Guesclin mais de vinte anos antes.

A “IDENTIDADE NARRATIVA” DE DU GUESCLIN E DE JOANA NA PENA DE CHRISTINE DE PIZAN

Após termos observado os traços de biografia cavaleiresca presentes no *Livre des faits* e no *Ditié*, passamos agora a discorrer sobre a “identidade narrativa”, segundo Paul Ricoeur (1985). Essa noção, que acreditamos complementar a biografia cavaleiresca dos personagens apresentados neste estudo, ajuda a compreender que a *mise en mémoire* realizada por Christine apresenta um método que a autora desenvolveu ao longo de sua atividade letrada: busca de fontes (escritas ou entrevistas com

contemporâneos); organização e apresentação do texto, conforme a cultura de seu tempo, e expectativa de um público leitor.

Nas conclusões do terceiro volume da trilogia *Temps et récit*, Paul Ricoeur tece ainda algumas considerações, suas aporias da temporalidade, sendo a primeira delas, a “identidade narrativa”. Essas aporias são colocadas como indagações sobre o emprego da poética da narrativa enquanto processo que “pode desfazer os nós” daquilo que é contado. Aliás, para Ricoeur, a “narrativa é a guardiã do tempo, na medida em que não haveria tempo pensado, senão aquele que é narrado”²⁸.

Ao longo da obra, Ricoeur colocara as oposições entre tempo cosmológico e tempo fenomenológico, opondo Agostinho a Aristóteles; estabeleceu um contraste entre tempo histórico reinscrito sobre o tempo cósmico e um tempo entregue às elaborações da ficção; concebera a noção de “representância”, para analisar o que ocorre entre o mundo do texto e o mundo do leitor, e a noção de refiguração do tempo, ou do passado, pela narrativa (as três mimeses); enfim, problematizou a historização da ficção e a ficcionalização da história. No entanto, como ele mesmo afirma, desse intercruzamento resultaria um “broto”, *rejeton* em francês, fruto da união entre história e ficção, a que Ricoeur chama de “identidade narrativa” que tanto pode designar um indivíduo, quanto uma comunidade. Na sequência, o filósofo sustenta que “dizer a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade é responder à pergunta: *quem fez tal ação? quem é seu agente, o autor?*”, sendo essa identidade, uma narrativa. Sua forma se dá conforme o modelo de texto usado, segundo uma cultura, a obra se torna um “outro” (*ipse* em oposição a *idem*) daquele indivíduo ou comunidade e “pode incluir a transformação, a mutabilidade, na coesão de uma vida”, vida que é um “tecido de histórias contadas”²⁹ e recontadas, historiador após historiador³⁰. A cada época, uma vida ganha novas camadas, é retocada por correções ou acréscimos, o que caracterizaria a terceira das três mimeses, aquela que se dá com o leitor (historiador) e que por ele ocorre a volta à mimese 1³¹. De onde Ricoeur afirma que a “identidade narrativa” é a resolução poética do círculo hermenêutico. Portanto, essa “identidade narrativa” não é estável, pois poderíamos dizer que:

No intercâmbio de papéis entre a história e a ficção, o componente histórico da narrativa sobre si mesma a coloca ao lado de uma crônica submetida às mesmas verificações documentais como qualquer outra narração histórica, enquanto que o

²⁸ RICOEUR, P. *Temps et récit* III. Paris: Ed. du Seuil, 1985, p. 435. Tradução nossa.

²⁹ RICOEUR, P. *Temps et récit* III. Paris: Ed. du Seuil, 1985, p. 442 ; 443. Tradução nossa.

³⁰ Aqui talvez caiba o pensamento de Adriana Barreto de Souza “O que se obtém por meio das biografias é uma imagem da escrita da história e do devir social como obra aberta, em perpétua transformação e definida por dispositivos e dinâmicas interativas. Constituído-se como lugar de uma intensa atividade e especificamente de leitura, de interpretação, e de construção do real” (BARRETO DE SOUZA, A. “Francisco de Lima e Silva na Confederação do Equador: Biografia e escrita da História” In AVELAR, A.; SCHMIDT, B.B. *Grafia da vida: Reflexões e experiência com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 147).

³¹ RICOEUR, P. *Temps et récit* I. Paris: Ed. du Seuil, 1983, p. 137-144.

componente ficcional a coloca ao lado das variações imaginativas que desestabilizam a identidade narrativa. Nesse sentido, a identidade narrativa não cessa de ser feita e desfeita [...] ³²

Em vista disso, o historiador ou o teórico da literatura que se põe a analisar as obras de Christine de Pizan ou qualquer uma outra em que haja a narrativa de uma vida, seja ela entrecortada, incompleta ou inventada e exaltada, pode observar ali uma “identidade narrativa” e acrescentar a ela outras camadas. Aqui talvez respondamos a possíveis críticas que se possam fazer quanto a um suposto anacronismo ao abordar os textos da autora. Evidentemente, Christine não tinha como dominar as aporias do tempo de Ricoeur, mas sabia que colocar por escrito, favoreceria a conservação da memória daqueles que figuravam em suas linhas. Relembrar ao escrever é o que a autora fez: “minha memória concebeu”, como ela mesma diz, e a essas lembranças acrescentou sua camada de escrita.

Bertrand Du Guesclin era como um duplo do rei na guerra, a quem a memória deveria conservar, eternamente, rememorando sua vida, como a escritora afirma no Prólogo do *Livre des faits*³³. Joana d’Arc era a guerreira mulher ou a milagrosa virgem³⁴ digna de alongar a lista das valentes, entre personagens bíblicas, rainhas e outras que, aos olhos de Christine, ajudaram a construir a *Cité des dames*. Flor da cavalaria ou honra ao sexo feminino, ambos estão nas duas obras da mulher de letras e ajudam a construir a “identidade narrativa” desses personagens e do grupo a que podem ser ligados. E não importa se são obras em prosa ou verso, na forma romanesca ou lírica, pois mesmo que “o desenvolvimento do tempo romanesco facilite a lenta elaboração de um personagem, através da forma breve, fixa e repetitiva da poesia, se reúnem, como pedaços de um mosaico, os elementos constitutivos de seu ser e de seu fazer”³⁵. Vê-se que cada época talhou a forma como deveriam ser apresentados os personagens que agiram em prol ou contra o destino de um povo ou do lugar de pertencimento dos letrados.

Com o entendimento de “identidade narrativa”, ainda podemos colocar que as formas ou os gêneros textuais de que Christine se serviu para falar dos dois personagens também ajudam a talhar esses dois nomes.

³² RICOEUR, P. *Temps et récit* III. Paris: Ed. du Seuil, 1985, p. 446. Tradução nossa

³³ CHRISTINE DE PIZAN. *Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V*. Présentation de J. Blanchard, Traduction de J. Blanchard et M. Quereuil, Paris: Pocket, 2013, p. 37.

³⁴ Quanto a uma dupla natureza de Joana, *preuse* e santa, conferir o artigo de Michèle Guéret-Laferté, « Jeanne la Preuse, Jeanne la Sainte : la « Pucelle » dans le Ditié de Jehanne d’Arc de Christine de Pizan » In *De l’hérétique à la sainte : Les procès de Jeanne d’Arc revisités*. Caen : Presses universitaires de Caen, 2012, pp 213-226. Disponível em : <http://books.openedition.org/puc/7812>.

³⁵ CONNOCHIE-BOURGNE, C. « Avant-propos » In *Façonner son personnage au Moyen Âge*. Aix-en-Provence : Presses universitaires de Provence, 2007, p. 7. Disponível em: <http://books.openedition.org/pup/2253>.

O texto longo, bem arquitetado do *Livre des faits*, ilustra o momento da carreira da autora em que se propunha ao engajamento político de que falamos há pouco. Era necessária uma escrita arrazoada, em que a autora tivesse espaço para as inúmeras glosas e citações, pois seria isso que lhe conferiria legitimidade, além da encomenda nobre. Narrar a vida do rei, segundo suas virtudes, e inserir nela a vida do cavaleiro bretão, seguindo uma forma não dialogada, nem tampouco alegorizada, como de seu costume, lhe dava a oportunidade de fazer uma crônica, ainda que panegírica e repleta de sua parcialidade, mas uma crônica histórica. Du Guesclin é um personagem real para Christine e seus contemporâneos, sua vida era exemplar. A “identidade narrativa” forjada nas linhas do *Livre des faits* nos mostram um cavaleiro que foi capaz de ligar o passado glorioso da França a um tempo mais recente e que servia como modelo ao jovem público principesco da corte a quem a obra era dirigida.

A Joana d’Arc do *Ditié* estava no auge dos empreendimentos, era contemporânea, desta forma Christine de Pizan não podia contar com o distanciamento no tempo que pudesse lhe dar mais segurança em falar da *Pucelle*, bem como mais detalhes de suas investidas. Como poderia a autora narrar em prosa arrazoada os feitos de Joana? Ainda assim, o tom exaltado das estrofes nos entregam um personagem que foi sagrado mais tarde pela história. Claro, Christine não sabia disso, ninguém dos seus poderia imaginar tal destino para a jovem, ainda mais quando além das características de uma escolhida por Deus, o *Ditié* a apresenta abençoada por lutar em nome de Deus, característica de um bom cavaleiro da cristandade e não (apenas) uma santa em sua hagiografia.

Abaixo, propomos um quadro, com as principais características dos dois personagens elencadas por Christine em suas obras, apresentadas aqui em tradução livre.

Elementos de comparação	<i>Livre des faits et bonnes mœurs de Charles V : Du Guesclin</i>	<i>Le Ditié de Jeanne d’Arc : La Pucelle</i>
Adjetivos de um bom cavaleiro	Competente na prática de armas; excelente, muito valoroso; não temia a morte; ardido como leão; bravo; generoso; corajoso; incentivou suas hostes; grande força física; acostumado com truculência e derramamento de sangue; inteligência; reflexão; desejo de glória; temor da desonra; soube comandar e organizar seus homens; capitão de suas tropas; ouve seus conselheiros	Subjugou os inimigos; fez prova de largueza, força e poder; fez fugir os inimigos; <i>preuse</i> ; valente; restaurou o reino; honra ao sexo feminino com sua força e vitória; aguenta o peso das armas; capitã de suas tropas; tomou castelos e cidades

Características de um bom cavaleiro cristão / Guerra santa	Guerreou contra Pedro, o Cruel, “mau cristão”; venceu graças à ajuda divina	Deus quis libertar a França através de Joana; foi Deus quem batalhou; enviada e guiada por Deus; nutriu a França; Deus é seu conselheiro; digna das profecias que lhe foram ditas; devota; deveria ajudar o rei a conquistar a Terra Santa e ali morrer, cumprindo ali sua missão
Aspectos comportamentais e aprendizagem	Levou uma vida rude, longe de refinamentos; experimentado nas armas desde seus quinze anos	Virgem meiga; sensível; jovem; pastora simplória; coração maior de que qualquer homem; menina de dezesseis anos; deve ter tido uma educação para as armas desde muito jovem
Lealdade à coroa e ao reino	Primeira menção a Du Guesclin: batalha de Cocherel, antes da coroação de Charles V; “A tal mestre, tal servidor”; digno de seu sábio mestre; coragem, serviço e lealdade recompensadas pelo rei, que fez fazer um túmulo a Du Guesclin em Saint-Denis aos pés de seu próprio túmulo, ocupado logo depois; suas vitórias são vitórias atribuídas ao rei	Lutou sob o pendão do rei e levou Charles VII à coroação; faria dele imperador e conquistador da Terra Santa;
Males da França	Reino ocupado pelos ingleses (saques, pilhagens, mortes)	Rei em fuga de Paris; luto; traição; terra devastada, humilhada; cidade rebeldes, cheias de inimigos
Memória	Contar de “memória” a morte de Du Guesclin, conteúdo legado pelo pai, Thomas;; rememorar a vida; memória através da escrita; feitos dignos de eterna memória	Contar o que é digno de memória e de escrita; Joana não deve ser esquecida; digna de ser mencionada

O paralelo que podemos observar com esses elementos favorece o pensamento de que a mulher de letras, mesmo no fim de sua vida, defendia igualmente que a atuação de um bom cavaleiro não faria mais do que elevar e manter o poder do rei. Ainda que Joana fosse uma exceção em seu tempo, Christine viu nela tanta honra quanto em Du Guesclin, a ponto de expressar que a jovem não deveria ser esquecida! “E tu, *Pucelle*, abençoada,/ Jamais deves ser esquecida/ Pois foi Deus que te fez honrada” (estrofe 21). Ora, a autora sabia bem o poder que a escrita tinha em guardar uma memória e não se furtou em usar um tom mais altivo para falar da guerreira. O retorno aos versos líricos, abandonados no final do século XIV por Christine, também dá ao texto uma importância distinguida pelos ouvidos, seus versos soam o êxito da *Pucelle*: “Sim, agora vejo o que quero/ [...] / E

quero contar como foi/ Que Deus tudo fez por sua graça/ [...] / Ouçam já pelo mundo todo/ Coisa demais maravilhosa” (estrofes 3, 7 e 8). Seria então que, ao reportar o sucesso de Joana, gozando de certa maturidade e legitimidade, Christine se tornava por sua vez a Sibila que havia lhe guiado no “caminho de longo estudo”?

BREVE CONCLUSÃO

Christine de Pizan colocou em memória a vida de dois personagens importantes de seu tempo, um homem exemplar e uma mulher singular que agiram em favor daquilo que a autora advogava defender, apresentando-se a si mesma como guardiã da memória de outros.

A biografia cavaleiresca de Bertrand Du Guesclin, inserida na biografia régia oficial de Charles V, demonstra que Christine de Pizan estava atenta às necessidades do reino, segundo sua ótica. E ao colocar por escrito os feitos de Du Guesclin, “de quem não se saberia falar bem em demasia”³⁶, ela ajudou a construir a memória do bretão e foi exitosa, já que seu texto se tornou fonte para discussões como a que propomos neste trabalho. Ao sugerir um modelo de bom cavaleiro através da narrativa sobre os feitos de Du Guesclin e exaltar a natureza “fora do comum” de Joana d’Arc, Christine de Pizan constrói uma “identidade narrativa” para cada um dos personagens no espaço do texto, no alcance da escrita, com traços de biografia cavaleiresca, pois, “a escritora é ao mesmo tempo aquela que “lembra”, que evoca os acontecimentos que ela mesma viveu, e aquela que recolhe e organiza a memória paterna”³⁷. Pois, assim como conclui Paul Ricoeur, é preciso realizar um “movimento de retorno, e sustentar que a reafirmação da consciência histórica nos limites de sua validade requer, por sua vez, pesquisa, da parte do indivíduo e pelas comunidades às quais pertence, de suas identidades narrativas”³⁸.

É, portanto, desse modo que entendemos ser a memória construída por Christine em suas duas obras uma homenagem, mas à figura paterna do rei, Charles V, sobre quem escreveu e em quem

³⁶ CHRISTINE DE PIZAN. *Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V*. Présentation de J. Blanchard, Traduction de J. Blanchard et M. Quereuil, Paris: Pocket, 2013, p.176. Tradução nossa.

Philippe Contamine, especialista sobre a guerra na Idade Média, afirma, lembrando o que consta nas Chroniques de Jean Froissart (séc. XIV): “Certamente, os limites do homem são patentes, seu direito ao título de grande estrategista é contestável, mas sua glória não é usurpada já que o mito era necessário. Como dizia Guillaume d’Ancenis a Froissart, “messire Bertrand foi tão valente homem que devemos aumentar [de seus feitos] o que pudermos” (CONTAMINE, P. « Bertrand Du Guesclin, une gloire usurpée ? ». In CONTAMINE, P. *Les Chevaliers*. Paris: Editions Tallandier, 2006, p. 89).

³⁷ ZIMMERMANN, M. « Christine de Pizan ou la memoria au féminin » In *Mémoire et subjectivité (XIVe-XVIIe siècle)* : L’Entrelacement de memoria, fama, et historia. Paris : Publications de l’École nationale des chartes, 2006, p. 16. Disponível em : <http://books.openedition.org/enc/721>. Tradução nossa.

³⁸ RICOEUR, P. *Temps et récit III*. Paris : Ed. du Seuil, 1985, p. 489. Tradução nossa.

Charles VII deveria se espelhar, já que aquele fora o rei que prezava os clérigos letrados e os cavaleiros valentes, como vemos na epígrafe que abre nosso estudo. A mulher de letras incluía a si própria nesse grupo dileto.

Em suma, se é possível falar de biografias cavaleirescas que possam fornecer ao leitor de hoje uma “identidade narrativa” de dois guerreiros leais à coroa da França, são elas o *Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V* e o *Ditié de Jehanne d’Arc*, de Christine de Pizan.